



Juan Dittborn Santa Cruz*

Santiago querida...

De avião

Viajo de algum lugar no Leste de volta a minha cidade natal, Santiago do Chile. Foram vários meses de ausência em que se alternaram bons momentos, produtivos no trabalho e no amor, com outros acompanhados pelo conhecido infortúnio habitual, tudo temperado, é claro, com uma dose não menor de miséria neurótica. Distráido e cansado pelas horas de voo, subitamente a voz do capitão do avião me assusta:

Senhores passageiros, estamos prontos para começar a travessia da cordilheira dos Andes. Estamos nos aproximando da cidade de Santiago. Pedimos que afivalem os cintos de segurança, pois é possível que encontremos zonas de turbulência.

Desse aviso, até o desembarque na cidade, começam a desfilar aos olhos dos passageiros uma cadeia infinita de montanhas nevadas que se perdem no horizonte. E se perdem no-

vamente. Estamos mais isolados do resto do mundo do que pensamos. Grandes, pequenas, pontudas, arredondadas, disformes, majestosas, caídas, em seu conjunto dão lugar a uma totalidade harmoniosa e forte. A beleza é avassaladora. De repente, o avião se move abruptamente em um longo tremor que muda o ritmo da minha respiração. Uma turbulência! A beleza se transforma em medo. “Será que as montanhas estão com raiva ou aborrecidas?” pensei comigo mesmo. “É melhor não continuar a observá-las”. Então me lembrei de uma professora que ensinava teoria psicanalítica nos últimos anos de faculdade. Falava de simbolismo e contava o caso de uma paciente que tinha tido um grave acidente esquiando. De repente, pronunciou algo que naquela época reverberava na sala de aula como um verdadeiro apotegma: “As montanhas são os seios!”. “Será”, pensei.

Volto para a cabine do avião. Passaram-se cerca de dez minutos após a turbulência. Novamente...

Fala o capitão. À direita do avião, em frente, poderão observar o monte Aconcágua.

Imponente, emerge sobre seus colegas uma montanha visivelmente mais alta. Ultrapassa os sete mil metros e se eleva majestosamente

em uma atitude protetora. Note-se que se trata de um monte, e não de uma montanha. Qual é a diferença entre um monte e uma montanha? Eu não me importo muito. No entanto, chama a minha atenção que o monte seja masculino e as montanhas femininas. “O monte Aconcágua é o pai!”, talvez pudesse ter exclamado a professora de outrora.

“Poderia ser”, pensei. Para melhor ou para pior, o susto havia diminuído ao observá-lo e as turbulências haviam cessado. Pensei: “Que sensação se terá ao escalar o monte e atingir o cume?”. Ou seja, viajamos, sem o nosso conhecimento, acompanhados por *papai e mamãe*. Ela se aborrece ficando turbulenta, e ele nos acalma. O inverso: se não consigo chegar ao cume do monte e me frustro, ela me acolherá plácida em suas neves eternas.

Metapsicologia básica de Santiago: o ponto de vista geográfico

Santiago é uma cidade cercada por um envoltório montanhoso e atravessada por um rio, o Mapocho.

O envoltório

A cordilheira dos Andes e a cordilheira da Costa se entrelaçam em uma espécie de pele que abriga os habitantes da capital do Chile. Às vezes, encerra-os. Também os alimenta e lhes dá de beber. Geralmente, oferece-lhes uma sensação de segurança, ao deter com sua altura a eventual entrada de estímulos que podem tornar-se prejudiciais. Em outros momentos, isola-os demais, a ponto que o eu-pele do santiaguino parece estar dotado de certo ar de solidão e insegurança. Isto é, como todo envoltório ou estrutura de demarcação, opera como continente, cumprindo funções muito mais sofisticadas do que um mero recipiente sem vida. Esse entrelaçamento cordilheiresco, que separa e une o exterior da cidade com o interior, possui



uma rica vida própria e também desempenhou um papel importante na história do Chile e em seu desenvolvimento. A energia que é infundida pela atmosfera torna-se visível quando um chileno honorável e admirado, o antipoeta Nicanor Parra (1969), que por cento e três anos fez –e continua fazendo com lúcida força– parte do seu conteúdo, declama:

*Tenho gana doida de gritar
viva a Cordilheira dos Andes
morra a Cordilheira da Costa.
A razão nem sequer a suspeito
mas não posso mais:
Viva a Cordilheira dos Andes!
Morra a Cordilheira da Costa!
Há quarenta anos
que desejava rasgar o horizonte,
ir mais além de minhas próprias narinas,
porém não me atrevia.
Agora não senhores
terminaram as contemplações:
Viva a Cordilheira dos Andes!
Morra a Cordilheira da Costa!
Ouviram o que disse?
Terminaram as contemplações!
Viva a Cordilheira dos Andes!
Morra a Cordilheira da Costa!*

O rio Mapocho

É marrom, barroso. Seu caudal varia dependendo da neve acumulada no inverno na cordilheira. Atravessa Santiago e desemboca em outro rio, até liquidar sua travessia no oceano Pacífico, ao sul de Valparaíso e a cem quilômetros da capital. É torrencial e desordenado quando o caudal

* Asociación Psicoanalítica Chilena.

1 N.T.: Tradução de Carlos Nejar. Nejar, C., & Fernández, M. (Trads.) (2009). *Nicanor Parra e Vinicius de Moraes*. Rio de Janeiro: ABL e Academia Chilena de la Lengua.

é nutrido; débil e frágil na época de seca chuvosa. Houve projetos para transformá-lo em navegável. O Mapocho navegável fez com que os santiaguinos fantasiassem o nascimento de um novo rio Sena que poderia mudar nossa estirpe. Fariam sua aparição barcos nativos que percorreriam os diversos pontos da cidade. Poderíamos, dessa maneira, chegar a tornar-nos participantes de uma não insignificante identificação adesiva: como-se-fossemos-parisienses. Seria necessário abandonar, evidentemente, outra identidade mítica e profundamente enraizada dos chilenos, que tampouco foi o resultado de identificações introjetivas graduais e enriquecedoras com o visitante, a que nos situou como-se-fossemos-ingleses-da-América Latina. Essa seria a segunda pele com a qual se têm tentado substituir um mau funcionamento casual do envoltório primário de Santiago, formado pelo casal cordilheira dos Andes/cordilheira da Costa.

O Mapocho faz parte do nosso próprio ser verdadeiro. Tanto é assim, que nos países vizinhos nos apelidam “mapochinos”. Também se referem a nós como “quebrados”, palavra derivada do estado calamitoso em que as tropas do exército chileno retornavam das guerras, que sustentamos há mais de um século no deserto com nossos vizinhos do norte.

Logo, nem parisienses nem ingleses. Apenas mapochinos quebrados. Será o estado de espírito do cidadão de Santiago que dará a tal apelido as qualidades do bem ou do mal.

Nada melhor e mais fácil, então, que apoiar-nos nesses pontos, dois pontos cardiais santiaguinos, a saber, o rio Mapocho e a cordilheira dos Andes, para visitar nossa Santiago invisível, incursionando em alguns marcos ou fatos selecionados, que poderiam explicar sua personalidade, sua história, seus traumas, sua psicopatologia, sua beleza, suas fragmentações e integrações, seus lugares turísticos, sua maldade.

Antes desse percurso, direi algo sobre um ponto cardeal próprio e, simultaneamente, compartilhado por um pequeno grupo de santiaguinos. Soma-se aos outros dois mencionados. Torno-o visível, personifico-o, no segundo andar de um edifício moderno localizado na avenida Las Condes, não longe da cordilheira dos Andes, mas um tanto do rio Mapocho. Não é nem mais nem menos que a

nossa querida, e por vezes odiada, Asociación Psicoanalítica Chilena (APCH).

Fundada em 1948 por Ignacio Matte-Blanco, hoje está constituída por cerca de 150 colegas, incluindo membros e analistas em formação. Quando predomina nela o Grupo de Trabalho, encontramos um conjunto ativo e criativo de analistas, hoje em dia com uma especial preocupação pela inserção no mundo acadêmico e cultural de Santiago, e também do Chile. Organizou com sucesso o 41º Congresso Internacional de Psicanálise em 1999, quando um chileno era também presidente da IPA: Otto Kernberg.

Pois bem, quando ocorre algum transbordamento do Mapocho, ou uma excessiva queda de neve nos Andes, a APCH pode transformar seu funcionamento, do normal tempo mediterrâneo santiaguino, ao clima turbulento do Pressuposto Básico. Talvez como em qualquer grupo psicanalítico, me dirão. Sim, responderia, e acrescentaria: nos últimos tempos, quando algo assim aconteceu, tendeu-se a optar pela Luta ou pela Fuga, *a la santiaguina*, é claro. Não estou autorizado a dar detalhes.

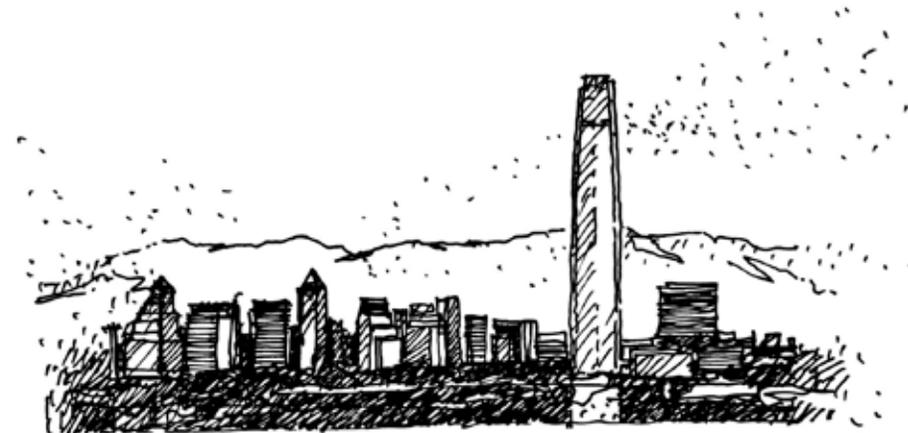
A câmara nupcial de Santiago

Ou o quarto dos pais, como quiser chamar. Refiro-me a nosso palácio presidencial, localizado no centro santiaguino, também em uma de suas principais avenidas, chamada Alameda das Delicias, ou simplesmente “La Alameda”. É o Palacio de la Moneda, vulgarmente conhecido como “La Moneda”. Deve o seu nome à função para a qual foi usado em seus inícios, isto é, centro de cunha de moedas. Sua construção começou em 1784, e só em 1846 tornou-se a sede do governo.

Mas nem tudo é tão simples como a descrição que acabo de fazer em relação ao palácio e sua história, assim como não o é aquilo que acontece no quarto onde *papai e mamãe* governam.

O Onze

Um dos marcos importantes na história do Chile são os 17 anos de ditadura militar que começaram com o golpe naquele 11 de setembro de 1973. Naquele dia, no começo da ma-



nhã, tanques militares cercaram o La Moneda. Seguiu-se uma emissão de rádio e televisão, transmitida a todo o Chile por rede nacional: foi clara e precisa em seu anúncio e em suas advertências. Depois de uma breve descrição da situação da crise no Chile, a emissão número um dizia:

1. Que o senhor Presidente da República deve proceder à entrega imediata de seu alto cargo às Forças Armadas e Carabineiros do Chile.
2. Que as Forças Armadas e os Carabineiros do Chile estão unidos, para iniciar a missão histórica e responsável de lutar pela libertação da Pátria do jugo marxista, e pela restauração da ordem e da institucionalidade (citado em Gallardo Prado, s.d.)².

A situação na cidade era de confusão e incerteza. Não havia clareza sobre o curso dos eventos. Somente as comunicações emitidas pelas novas autoridades podiam ser transmitidas. Uma certa luz sobre o que estava por vir foi dada pela emissão número 2, também transmitida pela manhã:

O Palacio de la Moneda deve ser evacuado antes das 11 horas da manhã, caso contrário, será atacado pela Força Aérea do Chile (citado em Gallardo Prado, s.d.)³.

Tive a chance de testemunhar com meus próprios olhos a ação violenta, um bombardeio desproporcional e brutal dos aviões supersônicos sobre o prédio indefeso. Naqueles anos, eu morava no vigésimo andar de um

edifício relativamente próximo da cena. Lembro-me de que as pessoas começaram a correr pelas ruas, fugindo na direção da cordilheira.

Os anos passaram, a democracia foi recuperada e levou-se a cabo no país, não sem dificuldade, um processo de elaboração daquilo que havia sido, sob todas as luzes, um prolongado evento traumático coletivo. Desfilaram processos judiciais a militares que foram condenados, soube-se da brutalidade da tortura e do número de detidos desaparecidos. Lembre-se de que Pinochet foi feito prisioneiro em Londres quando foi receber cuidados médicos, depois de um mandado de prisão emitido pelo juiz espanhol Baltazar Garzón.

O museu da memória

Caminhando vários quarteirões a partir do La Moneda em sentido contrário à cordilheira, encontra-se um museu que foi construído com a finalidade de

(...) dar visibilidade às violações dos direitos humanos cometidas pelo Estado do Chile entre 1973 e 1990; dignificar as vítimas e suas famílias; e estimular a reflexão e o debate sobre a importância do respeito e da tolerância, para que esses fatos nunca se repitam.

(...) Por meio de objetos, documentos e arquivos em diferentes mídias e formatos, e uma proposta visual e sonora inovadora, é possível conhecer parte dessa história: o golpe de Estado, a repressão dos anos seguintes, a resistência, o exílio, a solidariedade internacional e a defesa dos direitos humanos. (Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, s.d.)

2 N.T.: Tradução livre.

3 N.T.: *idem*.

Tornou-se uma obrigação para qualquer visitante da nossa cidade de Santiago. A experiência é avassaladora.

Andar 20

Mudaremos por um momento de destino em nossa visita à Santiago invisível. Iremos passear na colina. Vai me servir também de distração. “Distração do quê?”, me perguntarão. De algo que também está em minha memória, e que costuma reativar-se quando mergulho, *com posterioridade*, nos acontecimentos da época. Lembro-me disso com os leitores, enquanto caminho do Palacio de La Moneda, agora totalmente reconstituído, a alguns quarteirões em direção à cordilheira, novamente.

Naquele mesmo andar 20 do qual pude testemunhar os eventos narrados, poderia ter ocorrido um episódio dramático. Era 12 de setembro, o dia seguinte. Havia toque de recolher para o dia inteiro, não se podia sair na rua. Nesse meio-dia, eu olhava distraidamente da altura a cidade de Santiago vazia, por uma janela de vista panorâmica. De repente, dois policiais apareceram pela Lira, uma das ruas onde o edifício se localizava. Ambos caminhavam atentos, metralhadoras em mão. De repente, um deles olha abruptamente para cima, em direção à minha pessoa, que deve ter parecido minúscula vista de baixo. Só me recordo que, sem a menor cerimônia, aponta para a janela, faz vários disparos, que violentamente quebraram as janelas, a não mais de cinquenta centímetros deste que subscreve – hoje psicanalista santiaguino, estudante universitário naqueles tempos. Ficaram duas incrustações produzidas pelas balas no teto do apartamento, que permaneceram como marcas do terror por muitos anos. Tinham atirado para (me) matar. Naquele momento, eu me apavorei... Subiriam atrás de mim?... Não, viraram a esquina e desapareceram sem deixar rastro. Lembro-me de Violeta Parra ...

Obrigada à vida
que me deu tanto
Deu-me o coração

que agita seu marco
quando olho o fruto
do cérebro humano
quando olho o bom
tão longe do mal
quando olho o fundo de teus olhos claros^{4 5}

Outro 11

Desvanecida a lembrança, continuamos caminhando. Avistamos, em meio aos edifícios e o trânsito da própria avenida Alameda, uma pequena colina, belamente plantada com árvores, arbustos e flores, percorrida por trilhas, e em cujo topo existem alguns monumentos, murais e um terraço a partir do qual é possível ter uma vista panorâmica da cidade. Essa pequena colina embutida em pleno centro de Santiago é um lugar de atração turística, também de passeio para casais apaixonados, ou famílias em busca de lazer nos fins de semana. Isso de dia. À noite, com as luzes apagadas, parece mudar bastante o teor das atividades que ocorrem em seu interior.

É a atual colina de Santa Lucía. Durante a colônia era chamada Huelén, que em mapudungun significa “dor” ou “melancolia”. Por mais de um século, ao meio-dia em ponto, todos os dias, os santiaguinos podiam ajustar suas atividades, em seguida, seus relógios, guiados pelo poderoso estampido de um pontual tiro de canhão que saía de suas entranhas. *O tiro do meio-dia*.

A cerimônia de fundação da cidade aconteceu em seu topo. Mas há um episódio dessa época que nos interessa. A colina também deve estar envolvida. Regressemos um pouco no tempo, de volta para 1541. Para nossa surpresa, exatamente em 11 de setembro, apenas um mês depois da fundação de Santiago por Pedro de Valdivia, o grande cacique mapuche Michimalonco, junto a seu irmão Trajalongo, invadiu a cidade recém-fundada. Certamente estava bem vestida, recém-maquizada, embelezada, recém-inaugurada. Eles a queimaram em boa parte.

Temos, então, dois onzes para conservar em nossa memória. Um ocorreu com o propósito de recuperar a mãe terra usurpada por estranhos e poderosos invasores, outro representado

por aviões e metralhadoras que impunemente atacam um interior que não pode se defender. O primeiro, expressão de um ímpeto por recuperar a mãe roubada e reinstalar a cena de um coito criativo com ela. O segundo, representação de um ataque onipotente à mãe, que, além disso, já continha o pai morto em seu interior, na medida em que Allende, dentro do Palacio de la Moneda, talvez no momento do bombardeio, já havia cometido suicídio. Uma verdadeira ostentação de força por meio de um coito destrutivo de proporções grotescas.

Santiago fragmentado

A capital do Chile não é uma cidade integrada. Não é fácil de percorrer como outras cidades do mundo, onde se pode transitar natural e sequencialmente de um bairro a outro, como se cada um complementasse – e completasse – de alguma forma o que não estava no anterior. Santiago é longa e ampla e, tal como pequenas subcidades, os bairros se autodesenvolvem, cada um com suas próprias particularidades, arquiteturas, atividades culturais, gastronômicas, vendinhas artesanais e também pequenos delinquentes.

A vida social, a vida noturna, acontece mais nos lares do que nas perambulações por bares ou ruas iluminadas e buliçosas. Para os lugares se vai de carro, metrô ou transporte coletivo. Mover-se em Santiago envolve um esforço, às vezes não amigável. No entanto, o amigo ou o visitante estrangeiro são bem-vindos em casa: um bom pisco sour e bom vinho tinto Carménère, a famosa variedade chilena. Experimente quando vier nos visitar!

Uma cisão horizontal

É liderada pela praça Itália. Até alguns anos atrás, falava-se com certa naturalidade sobre aqueles que viviam da praça Itália para cima, e aqueles que viviam da praça Itália para baixo. Para cima é em direção à cordilheira, em direção ao bairro alto. Ali, encontram-se as classes mais acomodadas, e estão concentrados os bairros elegantes e a riqueza. Para baixo, e em um degradê progressivo em direção contrária às montanhas, estão os bairros mais antigos, menos cuidados, incluindo o centro. Também é aqui onde se situa com maior força a pobreza. Santiago cresceu e se

desenvolveu em direção à cordilheira dos Andes, em trancos sucessivos de progresso. Antigamente, terminava na praça Itália.

Uma cisão vertical

Um braço setentrional da cordilheira dos Andes penetra em Santiago e também a separa em duas. É a colina de San Cristóbal, que possui, imponente em seu cume, um grande monumento da virgem com os braços abertos. Ninguém é poupado do seu olhar. Pode se chegar a ela em um funicular que lentamente irá depositar o visitante em seu sagrado regaço. *Mamãe* novamente.

Integração e imigração

A imigração em Santiago teve um crescimento muito forte, quase explosivo nos últimos anos. Peruanos e colombianos lideram em número; nos últimos tempos, venezuelanos e, particularmente, haitianos. Começaram, pouco a pouco, a estabelecer-se, dando lugar também a bairros específicos nos quais seus costumes, hábitos, ritos e preferências culinárias tendem a predominar. É o exemplo de *La Pequeña Lima* ao lado da Plaza de Armas, o nosso Zócalo santiaguino, e dos haitianos que têm se concentrado no bairro Estación central, localizado vários quarteirões da praça Itália para baixo, no sentido contrário à cordilheira dos Andes. Há alguns anos atrás, era pouco comum ver pessoas de cor na capital. Hoje, a diversidade racial é uma parte natural da sua paisagem.

Santiago mudou muito nas últimas décadas. Aparentemente, vai mudar cada dia mais rápido. Certo tênue sentimento de despersonalização e desrealização, como o descreveria a semiologia psiquiátrica clássica, deve invadir brevemente seus habitantes, tenho certeza.

Referências

Gallardo Prado, B., (s. d.) Bandos de la dictadura chilena de 1973 a 1980. Recuperado de: <http://bandos1973.blogspot.com.ar/2011/06/bando-n-2-11-de-septiembre-de-1973.html>
Museo de la Memoria y los Derechos Humanos (s. d.). Sobre el museo. Recuperado de: <https://ww3.museodelamemoria.cl/sobre-el-museo/>
Parra, N (1969). Viva la cordillera de los Andes. In N. Parra, *Obra Gruesa*. Santiago: Universitaria.

4 N.T.: Tradução de Maria Teresa Almeida Pina. Obrigada à vida (Violeta Parra). Poesia Latina. Disponível em <http://blogs.utopia.org.br/poesialatina/obrigada-a-vida-violeta-parra/>

5 Em 2017 se comemora o 100º aniversário de nascimento da nossa querida e polifacética artista chilena (1917-1967).